

**A FEMINIZAÇÃO COMO TENDÊNCIA DA MIGRAÇÃO BOLIVIANA PARA A
REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO**

Clara Lemme Ribeiro

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – PPGH

Universidade de São Paulo - USP

clara.ribeiro@usp.br

A feminização como tendência da migração boliviana para a Região Metropolitana de São Paulo¹

Objetivos

Caracterizar a condição de saída das mulheres do território boliviano; caracterizar as condições de inserção das migrantes brasileiras na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP); identificar a percepção subjetiva destas mulheres sobre sua trajetória de migração como um ganho de autonomia ou um aumento de vulnerabilidade; discutir a tendência de feminização do fluxo migratório de bolivianos para a RMSP.

Discussão Teórica e Metodológica

Nas últimas décadas, a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) estabeleceu-se como um dos principais destinos da migração internacional latino-americana (BAENINGER, 2012), cuja tendência mais marcante é a sua *feminização*. Este fenômeno é flagrante especialmente para o fluxo de bolivianos para a RMSP, para o qual se estima 46% de mulheres (ALMEIDA, 2013). Este grupo se insere majoritariamente na indústria de confecção paulistana, trabalhando como costureiros em pequenas oficinas têxteis já espalhadas pelo vetor norte-leste da região metropolitana (FREITAS, 2012).

Segundo Peres (2012), “O volume de mulheres por si só, ainda que seja superior ao dos homens, não caracteriza uma 'feminização'. A reconfiguração da família, transformações nas relações de poder e papéis de gênero, o ganho de autonomia das mulheres, mudanças no mercado de trabalho no destino, são alguns dos impactos que causam a feminização de um fluxo migratório” (PERES, 2012, p. 291). Por isso, é necessário olhar para a inserção destas mulheres e o papel que ocupam nas comunidades da sociedade de destino, bem como as suas condições de saída do local de origem.

A partir do conceito de mobilidade do trabalho (GAUDEMAR, 1977), pode-se pensar que para cada fluxo migratório há um processo histórico interno de mobilização da força de trabalho para fora do território nacional, como há para o caso boliviano a partir de um processo interno de crise econômica e precarização do trabalho, que não deixam de estar ligados às

¹ Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo.

dinâmicas globais. Como afirma Heidemann (2010):

[...] a nova migração maciça, desde o final do século XX, é consequência de uma nova crise sócio-econômica da terceira revolução industrial, que possui diretamente um amplo caráter global. [...] Os “obsoletos” estão sendo expelidos para circuitos subordinados, seja como empresários da miséria na circulação (ambulantes etc.), seja como força de trabalho em condições precárias ou, então, caem em miserabilização absoluta (HEIDEMANN, 2010, p. 20-21).

O processo de feminização da migração do território boliviano para a RMSP, portanto, constitui uma dinâmica populacional que pode vista à luz das relações de gênero desde a origem. Se, como indica Heidemann (2010), a mobilização de força de trabalho das últimas décadas é marcada pela precarização e pela vulnerabilidade, partimos da condição da mulher em relação ao trabalho e à responsabilidade doméstica ainda na Bolívia. É momento essencial entender não apenas como a *inserção* destas imigrantes tem um recorte de gênero, mas também a sua *saída* do território nacional. Assim, pode-se entender a feminização das migrações como fenômeno territorial que inclui origem e destino numa relação profunda entre a escala local, do lar e da família, e a escala global, dos movimentos populacionais ligados à crise da terceira revolução industrial.

O trabalho de campo para esta pesquisa foi feito através do acompanhamento de diversos eventos da comunidade boliviana ao longo dos anos de 2014 e 2015, da visita a oficinas de costura dos bairros do Brás e do Bom Retiro e de seis entrevista qualitativas com imigrantes bolivianas que trabalham como costureiras.

Resultados

No final dos anos 1980 e começo dos 90, a crise da economia boliviana atinge as mulheres de forma mais acentuada. Segundo Wanderley (2009), o desemprego feminino cresce aceleradamente a partir do final da década de 1990, o que aparece nas taxas de desemprego urbano por sexo na Bolívia (%): 6,8 para homens, 7,8 para mulheres (1990); 7,3 para homens e 10,3 para mulheres (2004); 3,6 para homens, 6,2 para mulheres (2009) (ALMEIDA, 2013, p. 45). Segundo dados do CEPAL², em 2010, 37,8% mulheres contra 11,1% homens trabalhavam sem receber remuneração, além de receber cerca de 80% do salário masculino para as mesmas

² Dados disponíveis em: <http://estadisticas.cepal.org/cepalstat/WEB_CEPALSTAT/perfilesNacionales.asp?idioma=e>. Acesso em 11 jan. 2015.

ocupações. No mesmo ano, 66% das mulheres realizam trabalhos informais, contra 52,8% dos homens. Portanto, a história recente da Bolívia aponta não apenas formas de precarização do trabalho mas, especialmente, um aumento da desigualdade de gênero no que se refere ao acesso ao trabalho e ao dinheiro.

Segundo Cymbalista e Xavier (2007), a porcentagem de mulheres no grupo de imigrantes bolivianos na metrópole paulistana era de 44% em 2007, um aumento considerável em relação aos 26% de 1992. Uma vez que chegam à RMSP, homens e mulheres ocupam os mesmos postos de trabalho, mas em condições bastante diferentes. As mulheres bolivianas que trabalham neste setor da confecção têm, em geral, idade entre 18 e 30 anos, tem baixa escolaridade e são oriundas de áreas rurais (REZERA, 2012). Muitas delas vêm sozinhas ou acompanhadas de uma amiga ou de um familiar, já com destino certo: elas são contratadas na Bolívia para trabalhar em uma determinada oficina, cujo dono paga a passagem para o território brasileiro, debitada posteriormente do salário (FAVARETTO, 2012). Uma vez em São Paulo, as trajetórias destas mulheres se desdobram de diversas maneiras: elas trocam de oficinas, entram em outros ramos de atividade, como comércio e serviços, se casam e tem filhos. Trabalham em jornadas extensas, de até 16 horas, e recebem por peça costurada. No que se refere à remuneração, todos ganham os mesmos valores por peça produzida. A diferença no salário final está na quantidade de horas trabalhadas, que pode variar entre mulheres e homens já elas precisam liberar tempo para as atividades domésticas e o cuidado familiar.

Isso posto, entendemos que outro momento fundamental de caracterização das trajetórias de imigrantes bolivianas é a percepção de um ganho de independência ou autonomia após a migração. Essa percepção pode transformar um projeto migratório de curto prazo em permanente, aparecendo como sentimento de maior independência em relação à família ou a um parceiro violento, acesso ao dinheiro e ao trabalho ou maiores possibilidades de ascensão social, individual ou familiar. Por outro lado, as migrantes também relatam uma série de momentos de violência, na forma de machismo (violência doméstica e sexual) e de xenofobia (nos hospitais, nas escolas, na rua, no transporte público). Estas experiências se traduzem subjetivamente em um sentimento de estranhamento e não-pertencimento à sociedade de destino. Percebemos, portanto, uma relação aparentemente contraditória entre autonomia e violência que precisa ser analisada de perto a partir das trajetórias pessoais de migração de mulheres bolivianas, marcadas pela sua inserção particular na sociedade de destino nas pequenas oficinas de costura, que é seu lugar de trabalho e moradia e onde a remuneração é feita pela produtividade. Sugerimos que as percepções

subjetivas das migrantes redefinem os projetos migratórios individuais ou familiares destas mulheres.

Se as mulheres bolivianas migram para São Paulo porque há necessidade de realização das atividades de reprodução, como sugere Almeida (2013) podemos traçar uma relação entre as relações de gênero e as dinâmicas territoriais, tratando-se aqui de uma *mobilização* específica de mulheres para ocupar um determinado lugar na sociedade de destino, definido a partir de papéis de gênero determinados. A feminização explica-se não apenas como fenômeno da vulnerabilidade da mulher perante a crise do trabalho, mas como a necessidade da realização de atividades de reprodução dentro de um fluxo migratório que se estabelece.

Referências

- ALMEIDA, T. **As imigrantes sul-americanas em São Paulo: o trabalho feminino na construção de trajetórias transnacionais.** 2013. 128f. Dissertação (Mestrado em Ciência para Análise da Integração da América Latina) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BAENINGER, R. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: _____ (Org.). **Imigração boliviana no Brasil.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
- CYMBALISTA, R.; XAVIER, I. R. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Cadernos Metr pole,** São Paulo, n. 17, p. 119-133, 2007.
- FAVARETTO, J. S. **Descolonizando saberes: histórias de bolivianos em São Paulo.** 2012. 183f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- FREITAS, P. T. Imigra o boliviana para São Paulo e setor de confec o. In: BAENINGER, R. (Org.). **Imigra o boliviana no Brasil.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
- GAUDEMAR, J. P. **A mobilidade do trabalho e acumula o do capital.** Lisboa: Estampa, 1977.
- HEIDEMANN, H. D. Deslocamentos populacionais e mobilidade fictícia: a razão fetichizada do migrante e do seu pesquisador. In: SILVA, S. A. (Org.). **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar.** Manaus, AM: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010. p. 15- 33.
- PERES, R. G. Imigra o de bolivianas na fronteira: desafios teórico-metodológicos. In: BAENINGER, R. (Org.). **Imigra o boliviana no Brasil.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
- REZERA, D. N. **G nero e trabalho: mulheres bolivianas na cidade de São Paulo 1980 a 2010.** 2012. 209f. Disserta o (Mestrado em História Econ mica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

WANDERLEY, F. A Bolívia entre a mudança e a inércia: regime de emprego e de bem-estar social nos últimos vinte anos. In: DOMINGUES, J. M. et al. (Org.). A Bolívia no espelho do futuro. Belo Horizonte, MG: Editoria da UFMG; Rio de Janeiro, RJ: IUPERJ, 2009. p. 161-180.